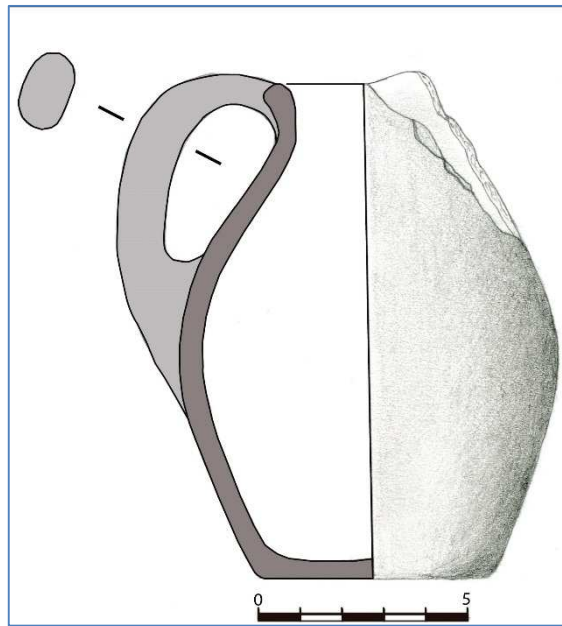


SCIENTIA ANTIQUITATIS



Novos dados sobre o megalitismo de Mora: a Anta do Pequito Velho (Mora, Portugal) Leonor Rocha e José Mirão	3
FORTIM DO BALEAL 1 (PENICHE, PORTUGAL) – A CAMINHO DE UM CONCHEIRO Luís Rendeiro	23
A ocupação pré-histórica da Gruta da Barroda 3 (Atougua da Baleia, Peniche): uma análise preliminar Luís Rendeiro, Adriano Constantino e Cátia Delicado	49
Museu Municipal de Marvão (Portugal). Origem da instituição museológica e constituição das colecções Paula Morgado	79

Novos dados sobre o megalitismo de Mora: a Anta do Pequito Velho (Mora, Portugal)

Leonor ROCHA¹
José MIRÃO²

Resumo

O megalitismo de Mora foi inventariado e maioritariamente escavado na 1ª metade do séc. XX, por Vergílio Correia e Manuel Heleno que recolheram milhares de peças, atualmente depositadas no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

Nos finais de 2016, José Lopes Aleixo Cravidão (proprietário do Monte do Pequito Velho) doa um conjunto de doze peças recolhidas num monumento megalítico existente na sua propriedade, destruído pela construção de uma estrada. Apresenta-se o estudo desta coleção que constitui um importante contributo para o conhecimento dos rituais funerários, nesta região.

Palavras-chave: Pequito Velho, megalitismo, SEM-EDS, Mora, Portugal

Abstract

Mora's megalithism was inventoried and mostly excavated in the first half of the 19th century. XX, by Vergílio Correia and Manuel Heleno, who collected thousands of pieces, currently deposited in the National Archaeological Museum in Lisbon.

At the end of 2016, José Lopes Aleixo Cravidão (owner of Monte do Pequito Velho) donated a set of twelve pieces collected in a megalithic monument on his property, destroyed by the construction of a road. It is presented the study of this collection that constitutes an important contribution to the knowledge of funerary rituals in this region.

Keywords: Pequito Velho, megalithism, SEM-EDS, Mora, Portugal

¹ lrocha@uevora.pt. Universidade de Évora; CEAACP

² mirao@uevora.pt. Universidade de Évora; Laboratório HERCULES

1. A Anta do Pequito Velho

1.1. Contextualização do sítio

O conjunto megalítico de Pavia identificado, registado e escavado nas primeiras décadas do séc. XX, por V. Correia (Correia, 1921) possui inúmeros problemas devido ao facto de estarmos perante trabalhos antigos que dificultam sempre a integração contextual e interpretativa dos monumentos intervencionados, em particular e, desta mancha megalítica, no seu conjunto (Rocha, 1999).

Por outro lado, os dados resultantes das escavações mais recentes em monumentos megalíticos funerários nesta área têm sido escassos, uma vez que, maioritariamente se tem tentado intervir em monumentos estruturalmente bastante danificados, com estratigrafias quase inexistentes ou muito destruídas por violações antigas e/ou alterações pós-deposicionais (Rocha 2009/2010; 2012; 2015; Rocha e Alvim, 2016).

A Anta da Pequito Velho 2 foi identificada no decurso de trabalhos arqueológicos mas, o seu estado de destruição deixou-nos desde logo dúvidas sobre a sua localização original e arquitetura. Recentemente, a doação de um conjunto de peças recolhidas neste monumento permitiu-nos compreender a sua história, no momento da sua destruição. Efetivamente, este monumento foi destruído nos inícios do séc. XX, no âmbito da abertura do caminho de acesso ao mesmo. No entanto, apercebendo-se desta situação, o proprietário procedeu à recolha do espólio visível tendo, há dois anos doado este espólio ao Museu Nacional de Arqueologia, por Simão Carvidão e José Lopes Aleixo Cravidão, que o remeteu para o novo Museu Interativo do Megalitismo de Mora, que se encontrava na sua fase final de preparação.

O espólio recolhido na Anta do Pequito Velho é, por um lado, surpreendente pela sua riqueza e, por outro, único neste conjunto megalítico atendendo à presença de espólios que nos permitem

identificar diferentes usos (cronologicamente diferenciados) deste espaço sepulcral.

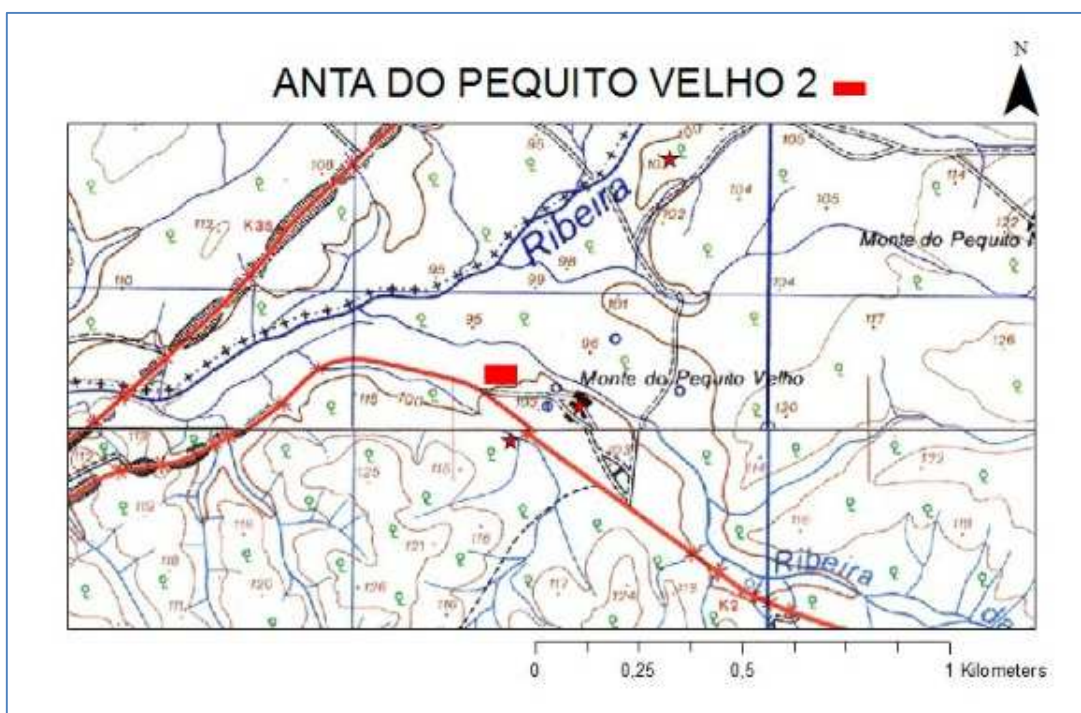


Figura 1. Localização da Anta do Pequito Velho 2 na CMP 1:25 000, FL 395.

2. Materiais arqueológicos

O conjunto de peças doadas era constituído por um total de doze peças, distribuídos por diferentes tipos: cerâmicas (1), pedra lascada (1), pedra polida (7), metal (2) e outros (1).

2.1. Pedra Polida

O conjunto de pedra polida é constituído por sete peças, seis machados e uma pequena goiva. A secção dos artefactos varia entre a ovalada e a subrectangular. A matéria - prima dominante é o anfibolito.

Nº 1 - Machado de Pedra Polida. Anfibolito. (Fig. 2).

Secção ovalada, corpo picotado, gume partido num dos lados e polido.

Atributos métricos (cm): Altura máxima - 10,6; Largura máxima - 4,8; Espessura máxima - 3,8.

Nº 2 - Machado de Pedra Polida. Anfibolito. (Fig. 2).

Secção ovalada, corpo picotado, gume partido.

Atributos métricos (cm): Altura máxima – 9,4; Largura máxima – 4,7; Espessura máxima – 3,5.

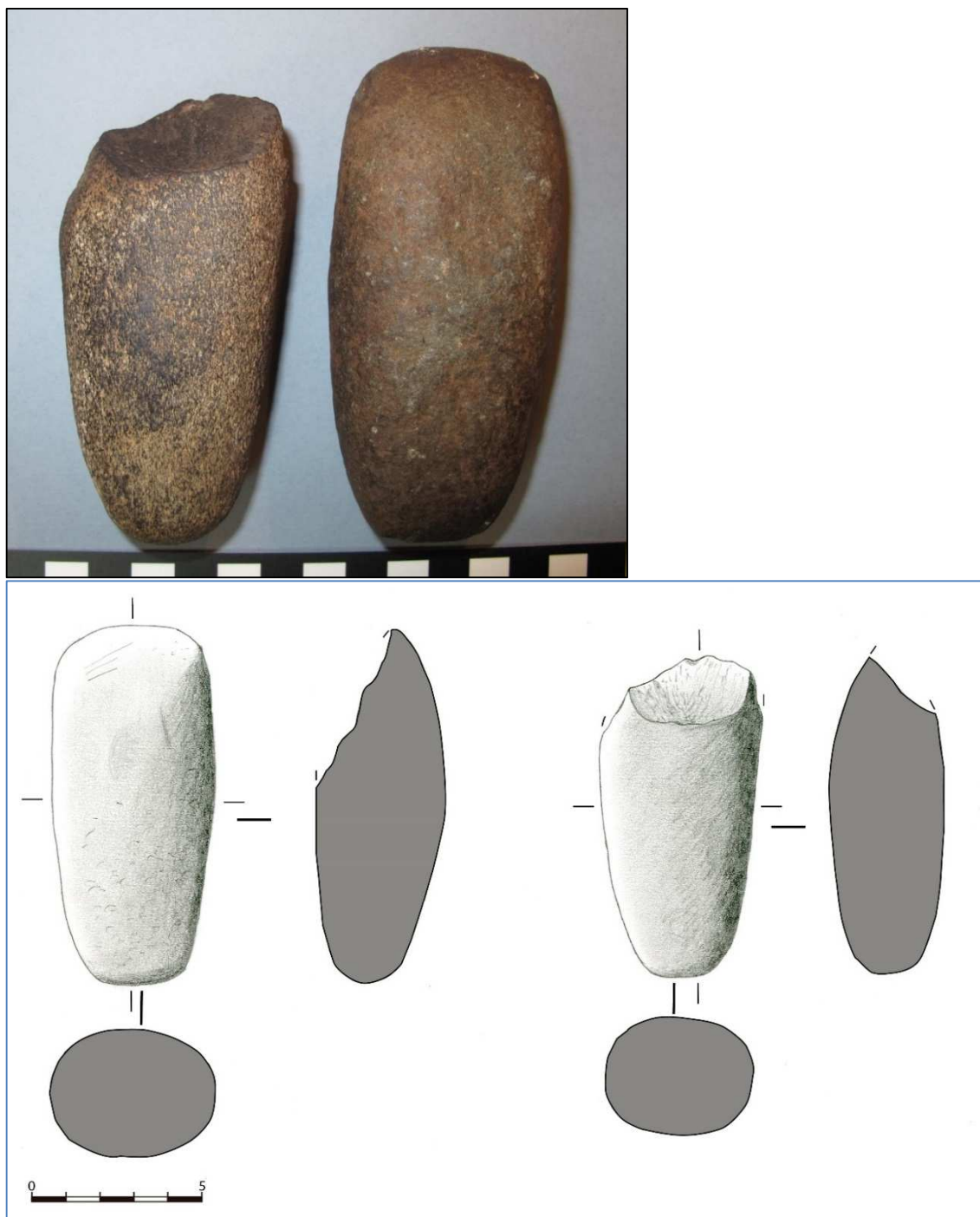


Figura 2. Machados de pedra polida de secção ovalada (Nº 1 e 2).

Nº 3 - Machado de Pedra Polida. Anfibolito. (Fig. 3)

Secção retangular, corpo parcialmente polido, gume polido e lascado.

Atributos métricos (cm): Altura máxima – 21,0; Largura máxima – 7,8; Espessura máxima – 4,9.

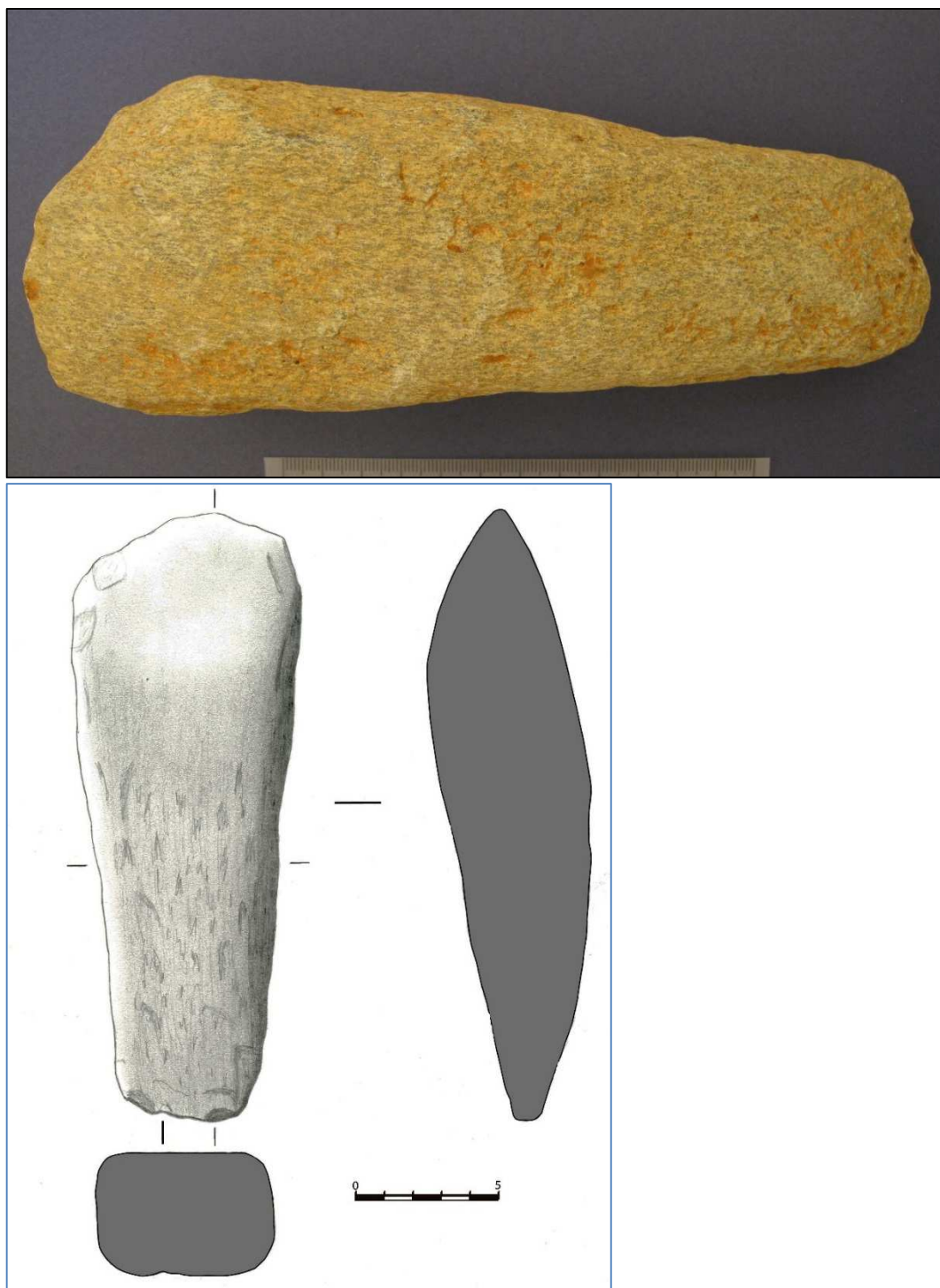


Figura 3. Machado de pedra polida de secção retangular (Nº 3).

Nº 5 - Machado de Pedra Polida. Anfibolito. (Fig. 4).

Secção retangular, corpo parcialmente polido, gume intacto.
Corpo parcialmente polido. Fratura no talão.

Atributos métricos (cm): Altura máxima – 10,9; Largura máxima – 5,2; Espessura máxima – 2,5.

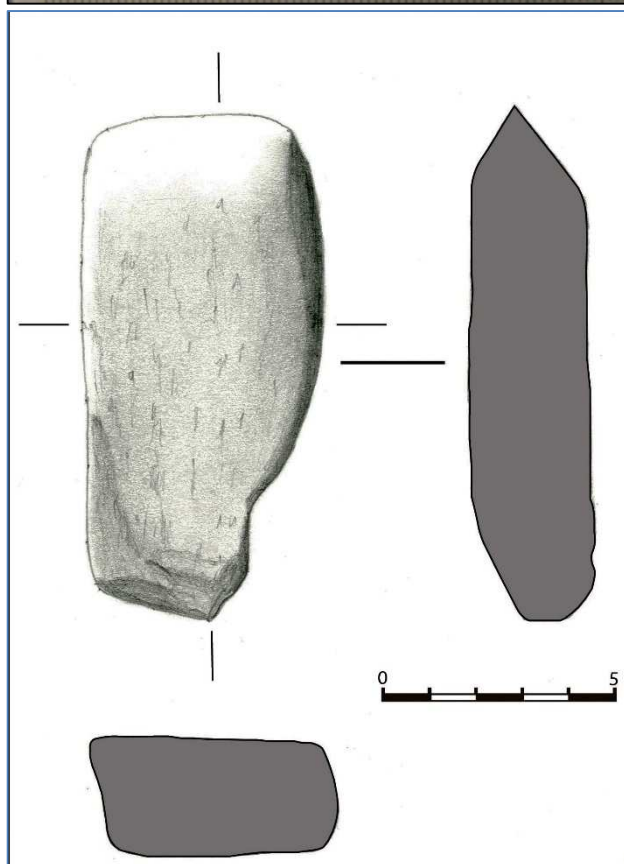


Figura 3. Machado de pedra polida (Nº 5).

Nº 6 - Machado de Pedra Polida. (Fig. 4).

Secção retangular, corpo integralmente polido, dois gumes polidos

Atributos métricos (cm): Altura máxima – 10,5; Largura máxima – 4,1; Espessura máxima – 1,6.

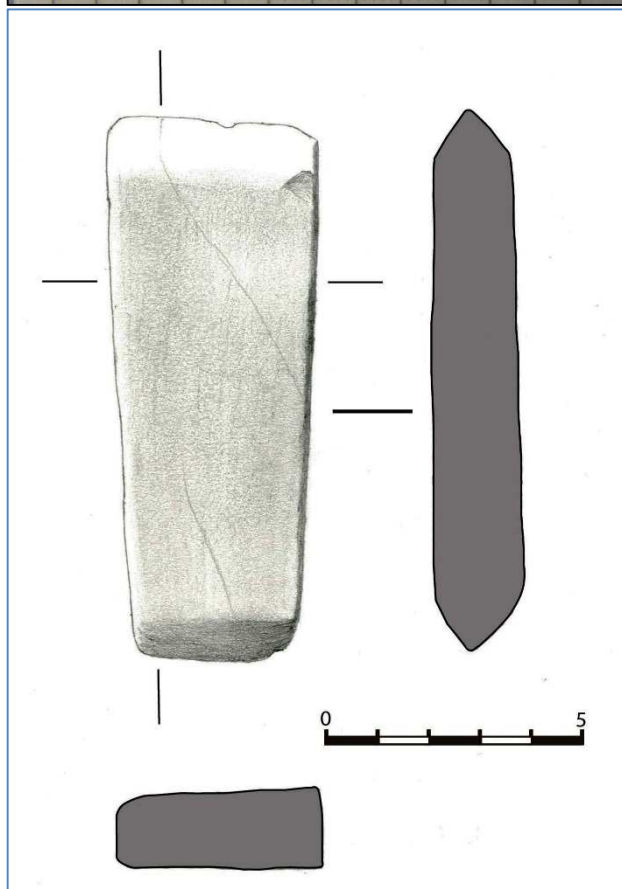


Figura 4. Machado de pedra polida (Nº 6).

Nº 7 - Machado de Pedra Polida. Anfibolito. (Fig. 5).

Fragmento distal. Secção retangular, corpo parcialmente polido, gume polido.

Atributos métricos (cm): Altura máxima – 8,9; Largura máxima – 8,8; Espessura máxima – 2,3.

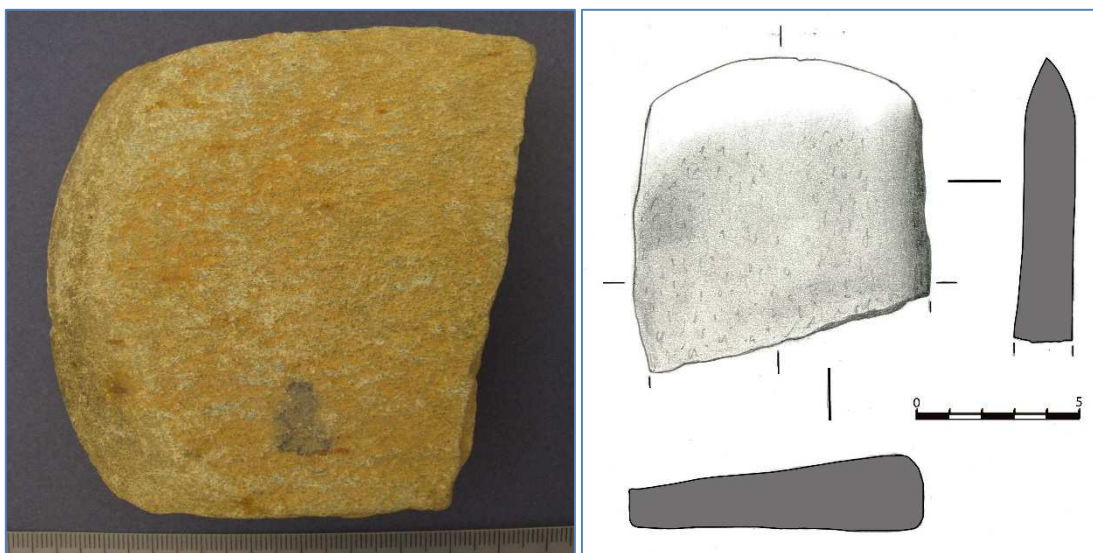


Figura 5. Machado de pedra polida (Nº 7).

Nº 8 - Goiva de Pedra Polida. Anfibolito. (Fig. 6).

Fragmento distal. Secção retangular, corpo parcialmente polido, gume polido.

Atributos métricos (cm): Altura máxima – 12,2; Largura máxima – 2,25; Espessura máxima – 2,25.



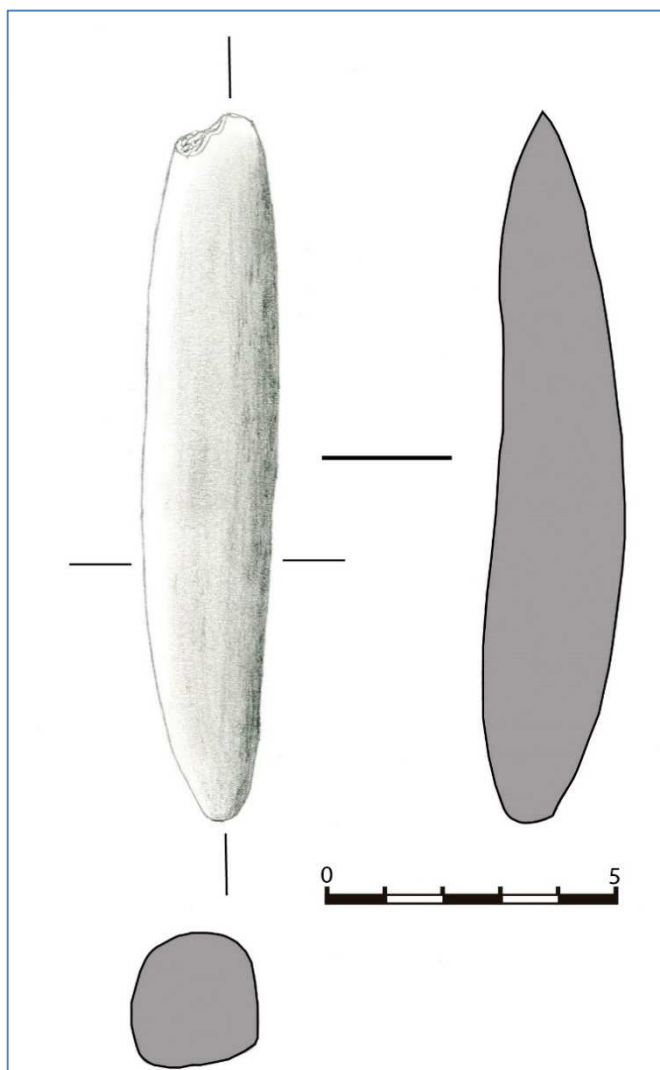


Figura 6. Goiva de pedra polida (Nº 8).

2.2. Pedra Lascada

A indústria de pedra lascada presente é notoriamente escassa, resumindo-se a uma lâmina de xert.

Nº 4 - Lâmina. Xert. (Fig. 7)

Possuí retoque, não contínuo, dos dois lados; extremidade distal e retocada. Partida em 2 fragmentos (colada).

Atributos métricos (cm): Comprimento – 12,3; Largura máxima – 2,5; Espessura máxima – 1,0.

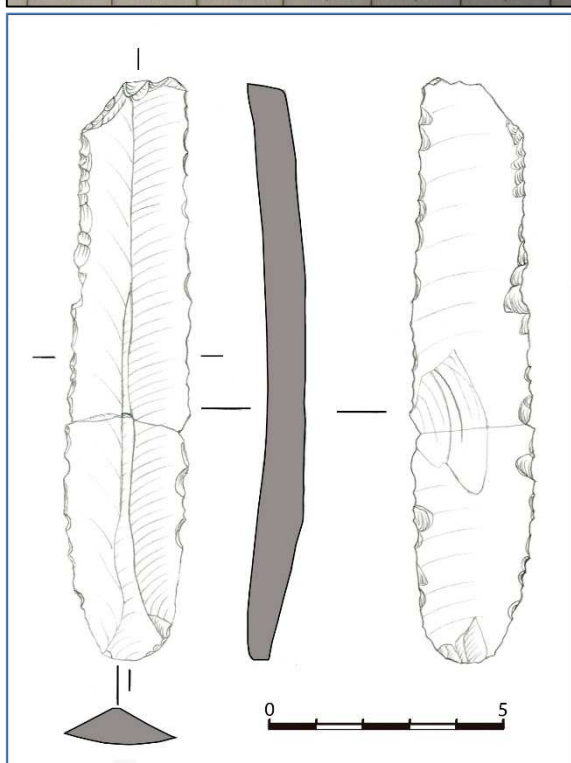


Figura 7. Lâmina de xert retocada (Nº 4).

2.3. Cerâmica

A cerâmica encontra-se representada por um único recipiente, um pequeno jarro, com uma asa de fita.

Nº 11. Jarro/Bilha. Cerâmica (Fig. 8).

Ligeiramente fragmentado no bordo, na área do bico. A asa é de secção ovalada, orientada verticalmente em relação à peça e fixada na parte superior do bordo. Apresenta uma base em disco.

Em termos de fabrico, podemos considerar genericamente como possuindo uma pasta pouco depurada e com abundantes componentes não plásticos, produzido a torno com cozedura oxidante. São visíveis marcas de utilização ao fogo.

Atributos métricos (cm): Altura máxima - 11,7; Diâmetro máximo - 8,8; Diâmetro da boca - 5,4 (?); Diâmetro do colo - 4,7; Diâmetro da base - 5,6; Espessura média - 5,0.

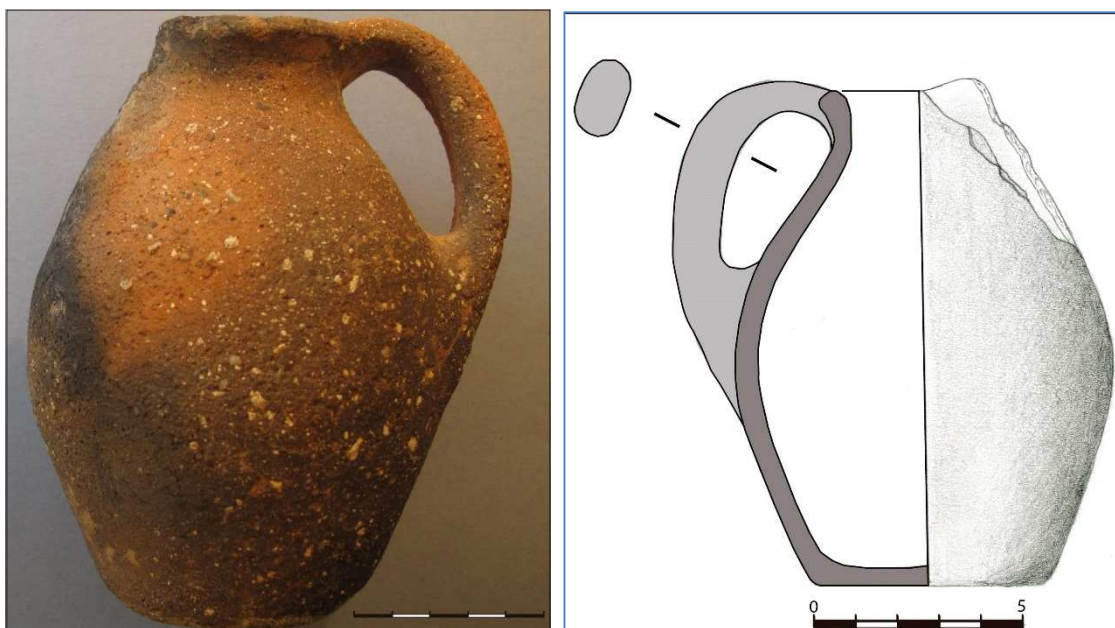


Figura 8. Jarro/bilha em cerâmica, ligeiramente fragmentado no bordo (Nº 11).

2.4. Metais

O conjunto é constituído por dois artefactos, um machado e uma bainha/ponta.

Nº 9. Machado plano, em metal. Inteiro (Fig. 9).

Apresenta uma forma trapezoidal com o gume ligeiramente arqueado, simétrico e lados retos. Apresenta polimento em cerca de metade da peça (distal) e o gume encontra-se sem quaisquer evidências de utilização.

Trata-se da forma mais comum para os machados metálicos mais antigos encontrando-se quer em contextos de povoados, quer em contextos funerários.

Atributos métricos (cm): Comprimento máximo – 11,1; Largura máxima (gume) – 4,3; Espessura máxima – 1,1.

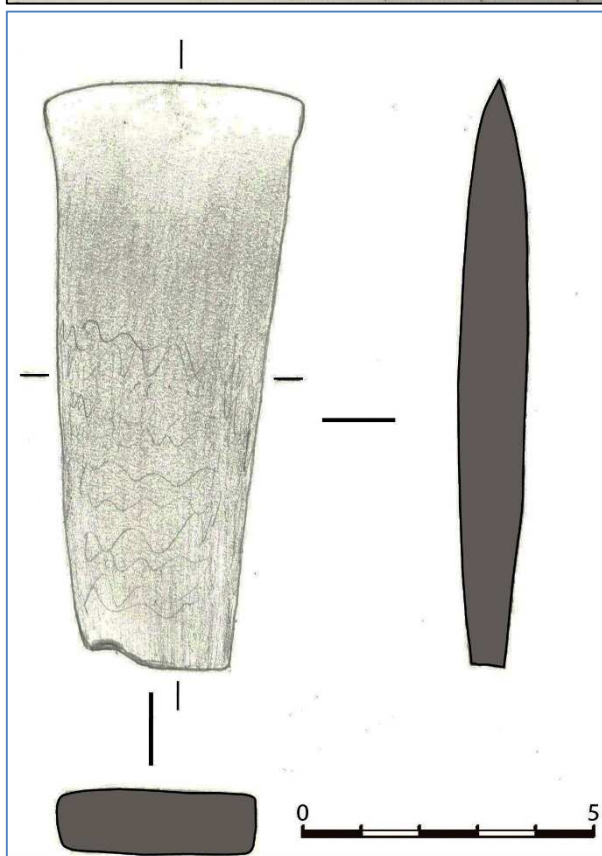


Figura 9. Machado em metal (Nº 9).

Nº 10. Baínha (de punhal?). Metal. (Fig. 10)

Fragmentada num dos bordos proximais e nervura central. As faces laterais apresentam irregularidades que poderão ter sido originadas por uso ou por fenómenos pós-deposicionais.

Atributos métricos (cm): Comprimento máximo – 10,7; Largura máxima – 2,2; Espessura máxima – 0,15.

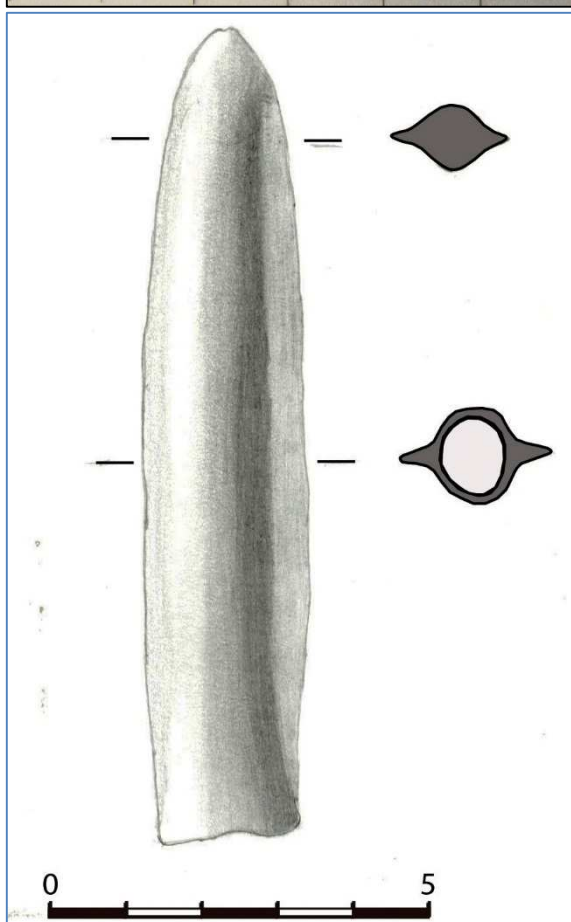


Figura 10. Baínha em metal (Nº 10).

2.5. Outros

Dentro desta categoria considerou-se um seixo alongado, em quartzito, de funcionalidade indeterminada se bem que apresente sinais de percussão nas duas faces, na parte mesial

Nº 12 - Seixo. Quartzito. (Fig. 11).

Apresenta secção ovalada, possui vestígios de percussão na parte central do corpo, num dos lados.

Atributos métricos (cm): Comprimento – 14,5; Largura máxima – 5,1; Espessura máxima – 3,1.



Figura 11. Seixo de quartzito com percussão mesial (Nº 12).

3. ESTUDO ANALÍTICO DOS METAIS

Apesar do conjunto metálico recolhido na Anta do Pequito Velho se resumir a duas peças, estas apresentavam-se em excelente estado de conservação, como se pode observar nas imagens anteriormente apresentadas (figuras 9 e 10).

3.1. Metodologia de análise

Após remoção de uma pequena camada superficial, numa área restrita, alterada por produtos de corrosão, procedeu-se à análise dos dois artefactos metálicos que se apresentavam inteiros, por microscopia eletrónica de varrimento acoplada a microanálise de raios-X (SEM-EDS).

3.2. Composição de liga

A análise realizada aos dois instrumentos metálicos recolhidos na Anta do Pequito Velho (Quadro 1) permitiu confirmar o que a análise formal nos fornecia, a Baínha (nº 10) apresenta uma liga de bronze com alto teor de estanho e, o Machado (nº 9), uma liga de cobre, com valores de arsénio similares a recolhidos em outras áreas geográficas.

Em termos de cronologias, estes dados apontam para dois tipos de (re)utilização, uma entre o Calcolítico final/Bronze inicial e, a outra para o Bronze final/ Idade do Ferro, atendendo aos valores da liga da Baínha, que são similares aos de outras peças analisadas em território nacional, deste período (Junghans et al, 1968; Bottaini et al, 2017).

Tipo	Sn	Al	Cu	As
Machado	-	-	98, 27	1, 73
Baínha	22, 20	0, 88	77, 37	-

Quadro 1. Valores médios obtidos pela análise na Anta do Pequito Velho (wt.%)

Sítio	Tipo	Sn	Pb	As	Sb	Ag	Ni	Bi	Au	Zn	Co	Fe
Évora?	Machado Apêndices	>10	0,29	0	0	0,027	0,059	0	0	0	0	0
Évora	Machado Plano	~10	0	0	0	0,035	0,048	0	0	0	0	0
Évora	Machado Plano	~10	0	0	0	0,028	v.	0	0	0	0	0
Évora	Machado Plano	2,7	0,68	0	0	0,016	0,053	v.	0	0	0	<0,5
Évora	Machado Plano	>10	0	0	0	0,031	0,084	0	0	0	0	0
Évora	Escopro	~8,3	0,15	v.	0	0,036	v.	0	0	0	0	0
Portel	Machado Plano	~9	0	0,7	0	0,035	0,12	0	0	0	0	0
Évora	Faca	~10	0	0	v.?	~0,01	0,17	0	0	0	0	0

Quadro 2. Resultados da análise por espectroscopia óptica de emissão de artefactos de bronze (concentrações expressas em wt.%) no Alentejo (adap. JUNGHANS et al., 1968, 1974).

A presença (registada) de peças metálicas em monumentos megalíticos do Alentejo Central é manifestamente escassa, não obstante o elevado número de monumentos escavados, como se pode verificar no Quadro 3. De salientar ainda que alguns dos elementos aqui referidos podem corresponder a reutilizações de períodos posteriores.

Monumento	Concelho	Tipo	Metal	Bibliografia
Tholos do Caladinho	Redondo	Ponta de seta	Cobre	
Curral da Antinha	Montemor-o-Novo	Fragmento indeterminado	Cobre	Rocha, 2005
1ª do Deserto	Montemor-o-Novo	Fragmento indeterminado	Cobre	Rocha, 2005
2ª do Vidigal	Montemor-o-Novo	Argola	Cobre	Rocha, 2005
3ª do Vidigal	Montemor-o-Novo	Ponta de seta	Cobre	Rocha, 2005
6ª do Vidigal	Montemor-o-Novo	Fragmento indeterminado	Cobre	Rocha, 2005
1ª dos Gualões	Montemor-o-Novo	Fragmento indeterminado	Cobre	Rocha, 2005
2ª dos Gualões	Montemor-o-Novo	Fragmento indeterminado	Cobre	Rocha, 2005
3ª dos Gualões	Montemor-o-Novo	Argola	Cobre	Rocha, 2005
Monte de Cima	Montemor-o-Novo	Ponta de seta	Cobre	Rocha, 2005
Sepultura I do Paço	Montemor-o-Novo	Argola Fíbula	Ferro/ Cobre	Rocha, 2005

Sepultura II do Paço	Montemor-o-Novo	2 Pulseiras	Cobre	Rocha, 2005
Sepultura I do Zambujeiro	Montemor-o-Novo	Argola Fíbula	Ferro Cobre	Rocha, 2005
1ª do Garcia	Montemor-o-Novo	Ponta de seta	Cobre	Rocha, 2005
2ª do Batepé	Montemor-o-Novo	Arco de fivela Argola Ponta de seta	Cobre	Rocha, 2005
1ª das Águias	Mora	Fragmento indeterminado	Indet.	Rocha, 2005
Cabeço do Considereiro	Mora	Furador	Cobre	Leisner e Leisner, 1959
1ª da Mata	Arraiolos	Fragmento indeterminado	Cobre	Rocha, 2005
Fuletreira	Arraiolos	Ponta de seta	Cobre	Rocha, 2005
Olival da Pega 2	Reguengos de Monsaraz	Ponta de seta	Cobre	Gonçalves, 1999
Gorginos 2	Reguengos de Monsaraz	Ponta de seta	Cobre?	Leisner e Leisner, 1985
Chão da Pereira	Portel	Punhal	Indet.	Endovélico

Quadro 3. Monumentos megalíticos funerários com artefatos metálicos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados resultantes deste conjunto são bastante interessantes não só pela escassez de artefactos metálicos nesta região mas também por, no seu conjunto, testemunharem uma longa diacronia da Anta do Pequito Velho. Apesar de desconhecermos a sua arquitectura, a presença de elementos de pedra polida de secção ovalada, corpo picotado e gume polido (nº 1 e 2) remete-nos para as fases mais antigas do megalitismo da região (Neolítico antigo/médio) com nítidas semelhanças às pequenas sepulturas de planta em ferradura (Correia, 1921; Rocha, 1999, 2005).

Ao momento seguinte corresponde a maior parte deste conjunto, em pedra polida e lascada (nºs 3-8 e 12) que, pela sua tipologia, é claramente atribuível ao Neolítico final, como a maior parte dos monumentos megalíticos da região (Rocha, 1999, 2005)

A terceira fase, do Calcolítico pleno/ final, representada pelo machado de cobre (nº 9), tem paralelos apenas na ocupação do povoado do Castelo de Pavia (Correia, 1921; Rocha, 1999) uma vez

que se desconhece o achado de outros artefactos similares em monumentos megalíticos. Os resultados da análise química apontam para um composto de cobre bastante puro, compatível com a fase inicial da metalúrgia do cobre (Junghans et al, 1968; Bottaini *et al*, 2017).

Da 4ª fase, provalmente do Bronze final/ Idade do Ferro, pelos resultados obtidos com a análise química, temos apenas a Baínha (nº 10). Se para o Bronze final não existem evidências de ocupação no concelho, da Iª Idade do Ferro temos um pequeno povoado e o Conjunto Megalítico do Monte da Têra. Em qualquer tratar-se-á sempre de um enterramento (ocupação) secundário/ ocasional (Rocha e Mataloto, 2012).

A última fase de ocupação registada neste espólio, remete-nos para o período visigodo – jarro/bilha (nº 10) do qual não existem, também, quaisquer paralelos neste concelho.

O conjunto artefactual recolhido na Anta do Pequito Velho pode parecer, à partida, bastante restrito, em número e em tipologias. No entanto, como se viu, o seu contributo para o conhecimento da ocupação humana deste território, é inquestionável.

BIBLIOGRAFIA

BOTTAINI, C; VILAÇA, R; BELTRAME, M; CANDEIAS, A; MIRÃO, J. (2017) - Análise de um conjunto de machados do Museu Francisco Tavares Proença Júnior (Castelo Branco) — contributo para o seu conhecimento. *ESTUDOS PRÉ-HISTÓRICOS*. <http://estudospre-historicos.weebly.com>.

CORREIA, V. (1921) – *El Neolítico de Pavia*. 27. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas.

GONÇALVES, V. S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz – Territórios Megalíticos*. [s.l.]: CMRM.

JUNGHANS, S; SANGMEISTER, E. SCHRÖDER, M. (1968) - *Studien zu den Anfängen der Metallurgie*. Band 2, Teil 3: Kupfer und Bronze in der frühen Metallzeit Europas. Katalog der Analysen Nr. 10041-22000 (mit Nachuntersuchungen der Analysen Nr. 1-10040*). Berlin: Gebr. Mann Verlag.

LEISNER, G. e V. (1955) – *Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança-Instituto para a Alta Cultura.

LEISNER, G. e V. (1959) – *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter. II: 2.

ROCHA, L. (1999) – *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história Regional*. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.

ROCHA, L. (2009/2010) – As origens do megalitismo funerário alentejano. Revisitando Manuel Heleno. *Promontoria*. Universidade do Algarve

ROCHA, L. (2012) – Anta do Monte das Figueiras. *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora.

ROCHA, L; MATALOTO, R. (2012) – O conjunto megalítico do Monte da Têra. *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora.

ROCHA, L. (2015) – A Anta-Capela de Pavia (Mora): novos dados sobre o megalitismo desta área. *VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. MEDINA ROSALES, N. (Ed.). Ayuntamiento de Aroche, p. 235-250.

ROCHA, L; ALVIM, P (2016) – Novas e velhas análises da arquitectura megalítica funerária: o caso da Mamoa do Monte dos Condes (Pavia, Mora). *Estudos & Memórias*. 8. Lisboa. p. 557-563.